

**O MATERIAL DIDÁTICO PARA
O ENSINO BÍBLICO DE
CRIANÇAS DE 7 A 8 ANOS:
uma análise a partir da
abordagem de Piaget**

**THE BIBLICAL TEACHING
MATERIAL FOR 7-8 YEARS
OLD CHILDREN TEACHING:
an analysis from Piaget's
approach**

*Valdecy Oliveira Pontes (Dr.)**



Imperatriz (MA), v. 2, n. 3, p. 96-108, jul./dez. 2020
ISSN 2675-0805

Recebido em: 26 de maio de 2020
Aprovado em: 06 de novembro de 2020

RESUMO

Neste artigo, considerando a necessidade de se discutir sobre a avaliação de materiais didáticos direcionados para o ensino bíblico de crianças na Escola Bíblica Dominical (EBD), objetivamos analisar, à luz da abordagem piagetiana sobre o desenvolvimento infantil, a lição bíblica intitulada “Noé, o herói de sua família e dos animais”, da revista publicada pela editora CPAD, para a classe de primários (7 – 8 anos) da EBD. Para isso, consideramos os seguintes aspectos: a visão do aluno pela autora; a linguagem utilizada e os conceitos mobilizados; a metodologia de trabalho em sala de aula; e o papel do professor. A partir dos resultados oriundos da análise, esperamos contribuir com o processo de avaliação e produção de materiais didáticos para crianças, no âmbito do ensino bíblico da EBD, e, ainda, trazer reflexões sobre o processo de ensino-aprendizagem nesse contexto de ensino.

Palavras-chave: EBD. Ensino bíblico de crianças. Piaget.

* Possui Licenciatura Plena em Letras Português / Espanhol pela Universidade Federal do Ceará (2006), Licenciatura Plena em Pedagogia pela Faculdade Unyleya (2020), especialização em Linguística Aplicada pela Faculdade Sete de Setembro (2009), especialização em Educação Religiosa pela Faculdade Unyleya (2019), mestrado em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará (2009), mestrado em Educação Religiosa pelo SEC (2019), doutorado em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (2012) e pós-doutorado em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (2014). É Professor Associado I na graduação em Letras-Espanhol/ Letras-Português/Espanhol e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade Federal do Ceará. E-mail: valdecy.pontes@ufc.br; ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-8183-9259>.

ABSTRACT

In this article, considering the need to discuss about the evaluation of teaching materials directed to the biblical teaching of children in Sunday Biblical School (SBS), we aim to analyze, in the light of the Piagetian approach about child development, the biblical lesson titled “Noah, the hero of his family and of the animals”, of the magazine published by CPAD publisher, for primary class (7-8 years old) of SBS. For this, we considered the following aspects: the author’s view about the student; the used language and the mobilized concepts; the work’s methodology in the classroom; the teacher’s role. From the results of this analysis, we hope to contribute with the process of evaluation and production of teaching materials for children, in the scope of SBS biblical teaching, and also bring reflections about the teaching-learning process in this context.

Keywords: SBS. The biblical teaching of children. Piaget.

1 Introdução

No âmbito do ensino bíblico para crianças na Escola Bíblica Dominical (EBD), o material didático constitui-se como uma das principais ferramentas no processo de ensino e aprendizagem. Logo, se este não for elaborado e utilizado de forma clara e concisa, considerando o estágio de desenvolvimento do seu público-alvo, o aluno não terá uma boa relação de interatividade com o curso. Para além disso, faltam critérios e pesquisas, no contexto do ensino bíblico evangélico brasileiro, para a avaliação dos materiais produzidos para a EBD, especialmente para as classes de crianças.

Quando se pretende elaborar um material didático para o ensino de crianças, uma questão primordial diz respeito à adequação dos conteúdos e das atividades propostas à respectiva faixa-etária das crianças. Nesse sentido, seria muito importante considerarmos as contribuições de Jean Piaget, no que tange ao desenvolvimento cognitivo infantil, para o processo de ensino/aprendizagem.

Diante dessa problemática, partimos da seguinte questão de pesquisa: Como devem ser estruturados e desenvolvidos os materiais didáticos para a classe de primários (7 – 8 anos) da Escola Bíblica Dominical (EBD), considerando-se o nível de desenvolvimento cognitivo do aluno, conforme propõe Piaget?

Tendo em vista, o objeto de pesquisa, a questão proposta para investigação e o referencial teórico, propomos o seguinte objetivo geral de pesquisa, a saber: analisar, à luz da abordagem piagetiana sobre o desenvolvimento infantil, de que forma deve ser estruturada e desenvolvida a lição bíblica intitulada “Noé, o herói de sua família e dos animais”, da revista publicada pela editora CPAD - Casa Publicadora das Assembleias de Deus, para a classe de primários (7 – 8 anos) da Escola Bíblica Dominical (EBD).

Para contemplar esse objetivo, em nossa pesquisa, consideramos os seguintes aspectos: (i) a visão do aluno pela autora; (ii) a linguagem utilizada e os conceitos mobilizados; (iii) a metodologia de trabalho em sala de aula; e (iv) o papel do professor.

Em nosso país, no contexto evangélico atual de educação cristã, ainda não se consolidou um único modelo pedagógico para Escola Bíblica Dominical (EBD). Cada igreja tem a autonomia para definir a sua, mesmo que o objetivo seja comum a todas.

Em relação à produção de material didático, para a Escola Bíblica Dominical, doravante EBD, cada denominação evangélica, geralmente, possui uma editora, como a CPAD - Casa Publicadora das Assembleias de Deus que, a partir de seus princípios doutrinários denominacionais, elabora e distribui revistas didáticas trimestrais ou quadrimestrais para o ensino bíblico dominical de todas as idades.

A partir do que foi exposto, pontuamos a relevância e contribuição desta pesquisa para a produção e avaliação de materiais didáticos para o ensino de crianças de 7 a 8 anos, no contexto da EBD, no sentido de examinar os materiais didáticos e propor a realização de adequações, mais especificamente, no âmbito da educação religiosa, posto que há carência de pesquisas que avaliem os materiais didáticos, produzidos nessa área de ensino, principalmente, no contexto evangélico.

Com base no referencial teórico escolhido e nos procedimentos metodológicos explicitados, procederemos à análise do material didático produzido pela editora CPAD, para o ensino bíblico, na EBD, de crianças de 7 a 8 anos.

2 A abordagem psicológica de Piaget e a educação

Jean Piaget (1896-1980) formou-se em biologia e filosofia e dedicou-se a investigar cientificamente como se forma o conhecimento. Esse autor desenvolveu a sua pesquisa a partir da observação com seus próprios filhos, criando um campo de investigação que denominou de epistemologia genética, isto é, teoria do conhecimento centrada no desenvolvimento natural da criança.

De acordo com Costa (1997, p. 6):

Piaget licenciou-se em biologia sobre moluscos. Tais estudos permitiram-lhe incorporar as discussões decorrentes da teoria da evolução de Darwin. E, para a psicologia, a biologia não é uma ciência qualquer, mas aquela que marcou profundamente sua constituição. Piaget interessou-se por filosofia, nas disciplinas de lógica e, sobretudo, epistemologia. Teve maior contato com as obras de Kant, Bergson e Husserl, posicionando-se mais explicitamente no interior do estruturalismo. A apropriação que Piaget fez das obras destes filósofos foi marcada por um espírito crítico direcionado a investigar a epistemologia, baseado numa interlocução com a biologia. Tal percurso permitiu-lhe uma construção consistente e profunda que denominou epistemologia genética.

Em sua época, Piaget recusou as explicações, no que diz respeito ao empirismo tradicional, de que existiriam estruturas endógenas no indivíduo que propiciavam o desenvolvimento da inteligência. De acordo com Lima (1980), na concepção de Piaget, o comportamento dos seres vivos não é inato, tampouco é obtido por condicionamentos do meio. Para Piaget, a construção do conhecimento pelo ser humano se dá entre o seu organismo e o meio, através da interação entre ambos.

Na visão de Piaget (1983), o conhecimento é resultado da interação do sujeito com o objeto. Assim, acontece o desenvolvimento psíquico do ser humano, desde o seu nascimento até a fase adulta. Nas palavras do autor:

O desenvolvimento psíquico, que começa quando nascemos e termina na idade adulta, é compatível ao crescimento orgânico: como este, orienta-se, essencialmente, para o equilíbrio. Da mesma maneira que um corpo está em evolução até atingir um nível relativamente estável – caracterizado pela conclusão do crescimento e pela maturidade dos órgãos –, direção de uma forma de equilíbrio final, representada pelo espírito adulto. O desenvolvimento, portanto, é uma equilibrção progressiva, uma passagem contínua de um estado de menor equilíbrio para um estado de equilíbrio superior (PIAGET, 1983, p. 11).

Dessa forma, na concepção de Piaget (1999), o conhecimento não está no sujeito-organismo, nem no objeto-meio, pois é decorrente das contínuas interações entre os dois.

Nesse sentido, a inteligência está relacionada à aquisição de conhecimento na medida em que sua função é estruturar as interações sujeito-objeto. Assim, para Piaget (1999), todo o pensamento se origina na ação e, para se conhecer a gênese das operações intelectuais, é imprescindível a observação da experiência do sujeito com o objeto.

Com base nessas premissas, para Piaget (1999), a construção do conhecimento pelo ser humano se dá como “uma espécie de espiral”, na qual o sujeito constrói e reconstrói o seu conhecimento, através de sucessivas ações e equilibrções internas e externas de estruturas compreensivas organizadas e organizadoras do indivíduo e do mundo.

A partir desse pressuposto, Piaget propõe a teoria da equilibrção, para dar conta do processo de construção de estruturas de ação e de reação, de pensamento e de conceptualização, por meio de uma autorregulação interna e externa, que caracteriza a teoria de Piaget como um construtivismo estruturalista.

Por meio da equilibrção, o sujeito estabelece a ação de troca de informações com o meio, o qual pressupõe duas dimensões: a assimilação e a acomodação.

Para Coll (2007, p. 155):

A tendência ao equilíbrio nos intercâmbios funcionais entre o ser humano e o meio no qual vive se encontra no núcleo da explicação genética do desenvolvimento. O duplo jogo da assimilação e da acomodação é presidido pela busca permanente de equilíbrio entre a tendência dos esquemas para assimilar a realidade à qual se aplicam e a tendência de sinal contrário para se acomodar e modificar-se para atender às suas resistências e exigências.

Na assimilação, o organismo atribui significações a partir da experiência anterior. Por outro lado, na acomodação, o organismo se modifica (cria esquema) para acolher a nova informação.

De acordo com Moreira (1999, p. 100):

A assimilação designa o fato que a iniciativa na interação do objeto é do organismo. O indivíduo constrói esquemas de assimilação mentais para abordar a realidade. Todo esquema de assimilação é construído e toda a abordagem da realidade supõe um esquema de assimilação. Quando o organismo (mente) assimila, ele incorpora a realidade a seus esquemas de ação, impondo-se ao meio. [...] muitas vezes os esquemas de ação da criança (ou mesmo do adulto) não conseguem assimilar determinada situação. Neste caso o organismo (mente) desiste ou se modifica. No caso da modificação, ocorre o que Piaget chama de acomodação. [...] Não há acomodação sem assimilação, pois a acomodação é reestruturação da assimilação.

Na assimilação, o indivíduo usa as estruturas psíquicas que já possui. Porém, se elas não forem suficientes, é necessário construir novas estruturas e assim é desenvolvida a acomodação.

Piaget propõe ainda, ao realizar experiências com seus filhos, que a criança não é uma tábula rasa, na qual se depositam conhecimentos. Para o autor, o aluno pode participar, de forma ativa, do processo de aprendizagem e acessar, em sua mente, conhecimentos prévios (experiências anteriores).

Na visão de Piaget, as crianças são inclusive responsáveis pelos seus desenvolvimentos, sendo proativos, ou seja, “manifestando as suas reflexões, as suas criatividade, participando assiduamente e tendo auto-organização das informações instruídas” (SILVA, 2010, p. 9).

Assim, Piaget (1995) assevera que os conhecimentos são elaborados espontaneamente pela criança, de acordo com o estágio de desenvolvimento no qual ela se encontra. A visão particular e peculiar (egocêntrica) que as crianças mantêm sobre o mundo vai, progressivamente, aproximando-se da concepção dos adultos: torna-se socializada, objetiva.

Com base em suas análises, empreendidas com crianças, Piaget pondera que a criança parte da construção e compreensão do próprio desenvolvimento a partir de quatro determinantes básicos: a maturação do sistema nervoso central; a estimulação do ambiente físico; a aprendizagem; e a tendência do equilíbrio. Não obstante, o desenvolvimento cognitivo começa com o nascimento da criança e evolui acompanhando o crescimento e a maturidade, chegando à fase adulta com conhecimentos possíveis a ela.

A partir dessa perspectiva sobre o desenvolvimento cognitivo, ele propõe quatro estágios para o desenvolvimento da criança: sensório-motor; pré-operatório; operatório concreto; e formal.

Conforme Goulart (2013), o primeiro estágio de desenvolvimento cognitivo da criança é denominado de sensório-motor (0 – 2 anos), pois, nesse momento do bebê, podemos perceber uma coordenação sensório-motor atrelada diretamente ao desenvolvimento da percepção e da psicomotricidade.

Segundo Piaget (1995, 1999), nesse período, a criança apresenta as seguintes características: (i) baseia-se exclusivamente em percepções sensoriais e esquemas motores para resolver problemas práticos (bater numa caixa, pegar

objetos, etc.); (ii) não possui pensamento – não há representação (passado e futuro) presa ao aqui-e-agora; (iii) possui esquemas motores construídos a partir de reflexos (sucção, por exemplo); (iv) desenvolve a inteligência prática, que aparece antes da linguagem, sendo constituída pela capacidade da criança de manipular objetos; (v) é egocêntrica, ou seja, é centrada em si mesma e não se imagina no lugar de outra pessoa.

O próximo estágio é o pré-operatório, referente ao período que vai dos dois anos até aproximadamente os sete anos, conforme Papalia (2000). Nesse período, está a função simbólica, ou seja, as crianças raciocinam por imaginação. É possível notar que a criança nessa fase está presa a uma forma subjetiva de pensar e necessita do concreto para dar explicações e entender as situações do dia a dia.

É salutar destacar que, nessa fase, de acordo com La Taille (2003), o pensamento egocêntrico é bem perceptível, visto que a criança pré-operatória tem uma grande dificuldade de se colocar no lugar do outro. Logo, ela não consegue estabelecer relações de reciprocidade ou compreender a visão do outro.

No estágio operatório concreto, a criança é bem menos egocêntrica e, inclusive, pode usar o pensamento concreto. Além disso, a criança já consegue distinguir a fantasia e o jogo simbólico da realidade. Em outras palavras, ela consegue compreender a diferença entre aparência e realidade e os relacionamentos entre os objetos. Papalia (2000) esclarece que, por volta dos sete anos, de forma gradativa, “a criança vai podendo captar o que se acha aparentemente ‘escondido’ no concreto, começa a perceber mais em relação aos objetos em si, as relações entre eles. É capaz de pensar abstratamente, operando a realidade mentalmente” (PAPALIA, 2000, p. 257).

No último estágio de desenvolvimento (a partir dos 12 anos de idade) proposto por Piaget, o aprendiz, em desenvolvimento, já dispõe das estruturas intelectuais necessárias para combinar as proporções, as noções probabilísticas e o raciocínio hipotético dedutivo de forma complexa e abstrata. Nas palavras de La Taille (2003, p. 12), “a grande conquista do desenvolvimento cognitivo é justamente conseguir formular hipóteses”.

O conhecimento dos estágios de desenvolvimento infantil propostos por Piaget é muito relevante para o processo de ensino-aprendizagem, posto que, se o objetivo do professor é educar bem uma criança, ele deve considerar o conhecimento prévio dela, bem como respeitar a sua fase de desenvolvimento.

Piaget defende o método psicogenético, no qual afetividade e inteligência estão correlacionadas, mas o conhecimento, fruto do trabalho docente, para Piaget, é sinônimo de uma construção, pois não é inato ao indivíduo.

Nesse sentido, o docente tem a função de subsidiar o processo de aprendizagem, estimulando as crianças ao desenvolvimento e, conseqüentemente, ao aprendizado e à evolução cognitiva (LIMA, 1980).

Vale esclarecer que Piaget, em nenhum momento, propõe algum método de ensino, ou indica diretrizes no que toca à prática docente em sala de aula. No entanto, ele apresenta subsídios teóricos, no que se refere à aprendizagem da criança.

Por último, é importante salientar que, conforme Cool et al. (2004a), embora os estudos de Piaget sejam questionados e até superados em alguns aspectos por pesquisas mais recentes sobre o desenvolvimento infantil, seu trabalho continua “sendo um modelo teórico coerente e ambicioso que nos permite ver o que existe de radicalmente novo na maneira de pensar das crianças em idade escolar” (COOL ET AL., 2004b, p. 250). Para além disso, os estudos piagetianos nos proporcionam muitos dados relevantes no que tange à psicologia evolutiva da criança nas diversas áreas do conhecimento humano.

Ao pensarmos no ensino de crianças de 7 e 8 anos, no contexto da Escola Bíblica Dominical (EBD), a partir da teoria piagetiana, no tocante à importância do entendimento de ensinamentos e conceitos no ensino da igreja, nessa faixa etária, Beechick (2014, p. 65) pontua que: “Se receberem a história completa no princípio, crescerão em completo entendimento, como crescem suas mentes, e não terão de reaprender ou desaprender mais tarde, na vida”.

3 Metodologia e análise dos dados

No que diz respeito aos procedimentos metodológicos, esta pesquisa se configura como documental, pois os conteúdos da revista didática dos primários (7 – 8 anos), editada pela CPAD, não passaram por nenhum tratamento, são mostras originais, a partir das quais desenvolveremos a nossa investigação. Para Gil (2010) e Severino (2007), as pesquisas também são classificadas segundo a natureza dos dados e conforme o ambiente em que foram coletados em pesquisa de campo ou de laboratório. Nesse âmbito, esta pesquisa se classifica como qualitativa, pois analisamos as respostas para cada questão aberta, à luz da teoria esboçada neste artigo, a fim de compreender o fenômeno de estudo e interpretá-lo.

A partir das contribuições de Piaget (1983, 1995 e 1999) para o processo de ensino-aprendizagem, no que se refere ao desenvolvimento moral e cognitivo de crianças entre 7 e 8 anos de idade, foram propostas as seguintes questões de análise do material didático:

1. Como o aluno e o professor são vistos, em sala de aula, na proposta da autora do material didático?
2. O uso da linguagem e de conceitos bíblicos, explicitados na lição bíblica pela autora, está adequado ao nível de desenvolvimento cognitivo do aluno?
3. Qual é a metodologia didática de ensino bíblico apresentada pela autora do material didático?

Para contemplar essas questões, faremos uma breve análise da lição bíblica intitulada “Noé, o herói de sua família e dos animais”, da revista publicada pela editora CPAD para a classe dos alunos primários de 7 – 8 anos da Escola Bíblica Dominical (EBD). Para isso, consideraremos os seguintes aspectos:

(i) a visão do aluno pela autora; (ii) a linguagem utilizada e os conceitos mobilizados; (iii) a metodologia de trabalho em sala de aula; e (iv) o papel do professor.

A autora inicia a lição bíblica sem nenhuma contextualização ou, ainda, alguma atividade ou historieta para ativar o conhecimento prévio do aluno. Conforme podemos verificar na Figura 1:

Figura 1 - Noé



Fonte: Santos (2018, p. 7)

Desse modo, o material considera o aluno como se fosse uma “tábula rasa”, ou seja, desprovido de qualquer conhecimento anterior no tocante ao tema proposto pela lição bíblica e ao seu personagem principal, Noé.

Por outro lado, Piaget propõe, ao realizar experiências com seus filhos, que a criança não é uma tábula rasa, na qual se depositam conhecimentos. Para o autor, o aluno pode participar ativamente do processo de aprendizagem e acessar, em sua mente, conhecimentos prévios (experiências anteriores). Na visão de Piaget, as crianças, inclusive, são responsáveis pelos seus desenvolvimentos, sendo proativas, ou seja, “manifestando as suas reflexões, as suas criatividade, participando assiduamente e tendo auto-organização das informações instruídas” (SILVA, 2010, p. 9).

Partindo desse pressuposto, na perspectiva piagetiana, a autora da lição bíblica poderia propor atividades e questões, no sentido de possibilitar ao estudante novas discussões e vivências, despertando-lhe o raciocínio concreto, característico desse estágio de desenvolvimento (estágio operacional concreto), de acordo com a divisão proposta por Piaget para o desenvolvimento da criança (SILVA, 2010). No entanto, a autora se limita a propor perguntas superficiais sobre a opinião dos alunos. Vejamos um exemplo: “Vocês acham que alguém se arrependeu?” (SANTOS, 2018, p. 7).

Em relação à linguagem e aos conceitos, podemos verificar que a autora procura utilizar uma linguagem adequada ao nível de entendimento das crianças e apresentar perguntas simples, tais como: “Como ficava o coração de Deus? Ele ficava muito triste” (Figura 2).

Ademais, há uma proposta de narração interativa para que as crianças expressem a sua opinião. Sobre essa questão, Piaget (1995) aponta que, se admitirmos que há uma correlação entre a atividade da criança e o seu pensamento, é evidente que é o hábito da discussão que produz a necessidade de elaborar a unidade, de sistematizar as próprias opiniões.

Nessa citação, Piaget (1995), ao correlacionar linguagem e pensamento, pondera que a ação da interação social sobre a evolução do pensamento se encontra na análise do estágio da discussão verdadeira da criança.

Vejamos agora, também na Figura 2, um exemplo do texto da lição bíblica com a respectiva ajuda visual:

Figura 2 - A tristeza de Noé

egoistas, contavam mentiras, falavam palavrões, faziam maldades... Imaginem como ficava o coração de Deus? Ele ficava muito triste. E por muito tempo deu chance para que as pessoas se arrependessem e obedecessem. Os dias passavam e ninguém se arrependia. [Fig 1.1]



Fonte: Santos (2018, p. 7)

Nessa parte, podemos identificar a preocupação da autora em ilustrar, por meio de uma figura, a tristeza de Deus, quando as pessoas o desobedecem. Nesse contexto, considerando o desenvolvimento cognitivo da criança de operações concretas proposto por Piaget (PILETTI, ROSSATO, 2015), há a exemplificação com figuras e ações para que a criança possa compreender o sentimento de tristeza de Deus em relação às más atitudes dos homens da época de Noé. No entanto, no final do trecho apresentado na Figura 2, há o uso de um conceito mobilizado sem a devida contextualização para o aluno da classe de primário, ou seja, o texto da lição expõe quatro vezes o conceito de “arrependimento” sem nenhuma exemplificação, ou mesmo ilustração. Isso seria essencial, pois, conforme Nitzke, Campos e Lima

(1997), nesse estágio, a criança, apesar de não se limitar mais a uma representação imediata, depende do mundo concreto para abstrair, ou seja, só pensa concretamente (exemplos ou materiais apoiam o seu pensamento). Nesse caso, por falta do mundo concreto, a criança, diferentemente do adulto, não conseguirá compreender, pelo texto da lição, esse conceito.

A partir da teoria piagetiana no tocante à importância do entendimento de ensinamentos e conceitos no ensino da igreja nessa faixa etária, Beechick (2014, p. 65) assevera que: “Se receberem a história completa no princípio, crescerão em completo entendimento, como crescem suas mentes, e não terão de reaprender ou desaprender mais tarde, na vida”.

No que tange à metodologia e ao papel do professor em sala de aula, na primeira página do plano de aula da lição, a autora expõe um breve comentário sobre Noé e o objetivo de ensino da lição. Na página seguinte, há uma introdução sobre o tema do trimestre e o planejamento para a apresentação do versículo bíblico.

Sobre este último, a abordagem proposta pelo material didático é a seguinte:

Figura 3 - Versículo bíblico

MEMÓRIA EM AÇÃO

“Felizes são aqueles que não se deixam levar pelos conselhos dos maus, que não seguem o exemplo dos que não querem saber de Deus” (Sl 1.1).

Promova um bate-papo entre os alunos perguntando se eles têm algum colega na escola, vizinhança, etc. que faz coisas erradas e lhes chama para participar. Deixe que se expressem e citem exemplos. Diga que em toda a Bíblia, na vida desses grandes heróis, também acontecia isso. Mas uma das coisas que fez deles heróis de verdade é que eles preferiam obedecer e agradar a Deus fazendo o que é certo, mesmo quando todos faziam o errado.

Confeccione um cartaz com o versículo em papel cartão, cortado em partes separadas. Embaralhe-as e chame um voluntário para colocar o versículo na ordem correta — mas de olhos vendados, obedecendo unicamente o som da sua voz. Mesmo enquanto os outros colegas derem coordenadas diferentes, apenas a sua voz deverá ser seguida. Ao final, comemorem a realização e leia-o com a turma algumas vezes. Frise que assim como foi durante a dinâmica, às vezes outras pessoas, até mesmo alguns amigos nos dirão coisas erradas, mas se obedecermos somente à voz de Deus seremos bem-sucedidos e felizes.

Fonte: Santos (2018, p. 6)

Nessa atividade, o material propõe um diálogo entre os alunos sobre o conteúdo de ensino principal da lição, aportado pelo versículo bíblico. Além disso, a autora sugere uma dinâmica para exemplificar, de forma concreta, o

ensino explicitado. Desse modo, podemos considerar que a metodologia empregada possibilita o entendimento da mensagem ensinada pelo versículo para crianças dessa faixa-etária.

Ademais, o professor assume um papel ativo, em um contexto interativo, para além da mera memorização do texto bíblico, ou seja, há uma interação na análise do ensino. Nesse sentido, podemos inferir, a partir da concepção piagetiana, que, quando os aprendizes dialogam entre si e com o professor, cada estudante fica exposto a múltiplas perspectivas do ambiente, aprofundando seu entendimento por meio da interação com os outros. Na concepção de Piaget (1999), o conhecimento não está no sujeito-organismo, nem no objeto-meio, pois é decorrente das contínuas interações entre os dois.

Nesse sentido, a inteligência é relacionada à aquisição de conhecimento na medida em que sua função é estruturar as interações sujeito-objeto. Assim, para Piaget (1999), todo o pensamento se origina na ação, e para se conhecer a gênese das operações intelectuais é imprescindível a observação da experiência do sujeito com o objeto. No contexto do aluno primário, esse pensamento surgirá a partir de ações e atividades concretas de interação.

Nesse âmbito do ensino interativo, o papel do professor também se desloca da figura autoritária e centralizadora do aprendizado para a figura de mentor e guia na construção do aprendizado, construindo-o junto com os alunos. O professor atua como mediador do processo de aprendizagem da criança, ou seja, ele é quem vai propiciar a interação entre os alunos e o meio. Esse processo, na concepção piagetiana, é de suma importância, pois, nas palavras de Elias (1992, p. 50):

Criando situações problemáticas, [o professor] estará permitindo o surgimento de momentos de conflito para o alfabetizando e, conseqüentemente, o avanço cognitivo; estará considerando o aprendiz como um ser ativo, aquele que não espera passivamente que alguém venha lhe ensinar alguma coisa para começar a aprender, uma vez que por si só compara, ordena, classifica, reformula e elabora hipóteses, reorganizando sua ação em direção à construção do conhecimento.

Por outro lado, o material didático não segue a mesma abordagem metodológica na exposição da lição bíblica, visto que se limita a perguntas pessoais superficiais, que não exploram a aplicação do objetivo principal do ensino bíblico (obediência). Dessa forma, sem uma devida análise de exemplos de aplicação do conteúdo ensinado sobre obediência, a criança está limitada ao conteúdo meramente histórico da lição bíblica, pois a única aplicação do ensino, no plano de aula apresentado, restringiu-se à realização de uma dinâmica e a um breve bate-papo, no momento de memorização do versículo, sobre a questão da obediência a Deus, fazendo o que é certo.

Vejamos como a autora conclui a lição bíblica:

E só depois de muitos dias, quando a chuva e a inundação pararam, e as águas do Dilúvio começaram a baixar, os animais e seres humanos salvos pela obediência do nosso herói Noé tiveram a chance de fazer tudo diferente, obedecendo ao nosso grande e maravilhoso Criador (SANTOS, 2018, p. 7).

Nesse trecho, podemos verificar que a autora finaliza os fatos da história bíblica e não apresenta nenhuma aplicação à vida da criança, desconsiderando o objetivo de ensino previsto no plano de aula (obediência), na página cinco da lição.

4 Considerações finais

Com base no que foi exposto, averiguamos que, no texto da lição bíblica, apesar de propor um ensino dialógico, no qual o professor interage com as crianças na narração da história bíblica, a autora desconsiderou o estágio de desenvolvimento da criança de 7 a 8 anos, pois só exemplificou de forma concreta o conceito de desobediência (com ações das pessoas no tempo de Noé).

Não obstante, a autora deveria ter ido além da sugestão de perguntas sobre os personagens da narrativa e, por exemplo, explicado outros conceitos abstratos (arrepentimento e obediência), a partir de exemplos concretos e ações, para que a criança, nesse estágio de desenvolvimento – pensamento concreto, conforme Piaget (1995) –, pudesse compreender e aplicar o ensino da obediência em sua vida pessoal.

REFERÊNCIAS

BEECHICK, R. **Como ensinar crianças do primário: compreendendo como elas pensam e aprendem.** Tradução de Ercília Martelo D. de Micas. 5. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.

COLL, C. (org.). **O construtivismo na sala de aula.** 3. ed. São Paulo: Ática, 2007.

COLL, C. et. al. **Desenvolvimento Psicológico e Educação: Psicologia evolutiva.** 2. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2004a. v.1.

_____. **Desenvolvimento Psicológico e Educação: Psicologia da educação escolar.** 2. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2004b. v.2.

COSTA, M. L. A. **Piaget e a intervenção psicopedagógica.** São Paulo: Olho d'Água, 1997.

ELIAS, M. C. As idéias construtivistas mudam os caminhos da prática da alfabetização. *Revista da Ande*, São Paulo, v.11, n.18, p.49-56, 1992.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas S.A, 2010.

GOURLART, I. B. **Piaget**: experiências básicas para utilização pelo professor. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

LA TAILLE, Y. de. **A construção do conhecimento**. São Paulo: Secretaria de Estado de São Paulo; Summus, 2003.

_____. Piaget, Vigotski, **Wallon**: teoria psicogenéticas em discussão. 28. ed. São Paulo: Summus, 2019.

LIMA, L. de O. **Piaget para principiantes**. 6. ed. São Paulo: Summus, 1980.

MOREIRA, M. A. **Teorias de aprendizagem**. São Paulo: EPU, 1999.

NITZKE, J. A.; CAMPOS, M. B.; LIMA, M. F. P. **Teoria de Piaget**. São Paulo: Editora Moderna, 1997.

PAPALIA, D. **Desenvolvimento humano**. 7. ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PIAGET, J. **Seis estudos de Psicologia**. 21. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. **O pensamento e a linguagem na criança**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **A epistemologia genética**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

PILETTI, N; ROSSATO, S. **Psicologia da aprendizagem**: da teoria do condicionamento ao construtivismo. São Paulo: Contexto, 2015.

SANTOS, R. P. *Revista Primários*: professor - 4^o trimestre de 2018. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, D. F. **As contribuições das teorias de Piaget e Vygotsky para a área da Educação**. Curitiba: 2010.